

CHICO ESTEVO: MEMÓRIAS, CULTURAS E SABERES NA CONSTITUIÇÃO DE VITRAIS NO TERRITÓRIO CAMPESINO

Chaiane Rodrigues Pereira¹; Sendya Gomes de Sousa Mendonça²

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (Fecisc) da Universidade Estadual do Ceará (Uece).

chaiane.rodriques@aluno.uece.br

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (Fecisc) da Universidade Estadual do Ceará (Uece).

sendya.mendonca@aluno.uece.br

Introdução

O trabalho surgiu de nossas experiências com a disciplina de Educação Popular, na Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC), na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no curso de Pedagogia¹. A partir das reflexões e estudos em relação às concepções de educação popular, escolhemos como atividade de pesquisa investigar os saberes de comunidade.

Ao longo dos anos, a cultura vai se enraizando no seio de uma comunidade, sendo a base da identidade de um grupo, transmitida de geração em geração. No geral, a cultura é compreendida como um conjunto de saberes, crenças religiosas, vestimentas, normas sociais e linguagem. A conexão de um grupo com sua cultura influencia na maneira como se enxerga o mundo. A antropologia é uma das principais área de conhecimento que estuda a cultura, refere-se ao estudo do ser humano, envolvendo a análise de suas origens e constituições. Inclusive, abrange a cultura de forma mais intensa, considerando aspectos históricos, sociais e simbólicos que envolvem os sujeitos por completo. Busca explorar a cultura, pois ela carrega valores e conhecimentos que contribuem para compreender e repensar princípios éticos e valores humanos².

Em Canindé, a cultura está especialmente ligada à lida com o gado, com a cultura dos vaqueiros, à capoeira, às culturas indígenas e às tradições religiosas. Nas regiões que fazem limite com Canindé, os saberes transmitidos pelos mais velhos destacam práticas relacionadas à agricultura, à medicina popular, ao artesanato, entre outros aspectos. Diante disso, nosso estudo busca compreender vitrais do contexto campesino cearense através das memórias, culturas e saberes do agricultor e morador do Assentamento Todos os Santos, em Canindé, o senhor Francisco Martins Rodrigues, conhecido como “Chico Estevo” que, aos 70 (setenta) anos de idade, ainda exerce cotidianamente a sua rotina laboral na agricultura. A ideia é refletir sobre os saberes de comunidade.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1991, p. 20), o saber da comunidade é referente aquilo que todos (as) conhecem de certo modo, saberes próprios que surgem do cotidiano, da relação entre as pessoas e o meio em que vivem. O autor caracteriza esse processo como situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitária. Ou seja,

¹ No semestre de 2024.2

² Referência em O que é Educação? De autoria do professor e antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1991).

“Esparramadas pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica”. É com essa reflexão que nos apoiamos para identificar a partir da história de vida do senhor Chico os saberes que foram constituídos ao longo de sua experiência com a agricultura, com o campo e a vida campesina no Ceará. A seguir, descrevemos a metodologia utilizada.

Metodologia

Para a produção deste estudo, adotamos a metodologia de pesquisa qualitativa, a principal técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, que possui caráter descritivo e explicativo, ressaltando que nos inspiramos no método da História Oral que contempla a História de Vida (Freitas, 2006). Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva busca descrever características de determinada população, fenômeno ou experiência, permitindo uma compreensão mais aprofundada do objeto de estudo. Para tanto, refletimos sobre os achados em diálogo com os nossos referenciais teóricos, aproximando-nos de explicações ao objetivo proposto no trabalho.

Em campo, a escolha do senhor Francisco Martins Rodrigues se deu através do reconhecimento de sua história de vida para a vida campesina, principalmente no Assentamento Todos os Santos³, utilizamos um gravador de voz para captar a entrevista na íntegra, logo após, foi realizada a transcrição da narrativa da história de vida do entrevistado, constituindo-se a entrevista com caráter flexível, deixando o entrevistado livre para expressar suas vivências e emoções do seu saber-fazer no campo, em concordância com Minayo (2007), a entrevista é uma maneira privilegiada de interação social. A entrevista foi realizada no referido assentamento, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2025, em Canindé, Ceará.

Resultados e Discussão

Considerando que somos seres sociais e aprendemos por meio de interações, e somos influenciados pela cultura em que estamos inseridos, através desta pesquisa buscamos compreender a história de vida de um agricultor e assentado da comunidade rural de Canindé – Ce, Assentamento Todos os Santos, o Sr. Francisco Martins Rodrigues, conhecido como “Chico Estevo”.

Chivo Estevo nasceu no dia 7 (sete) de março de 1954 na comunidade de São Serafim, no município de Canindé. Aos 5 (cinco) anos de idade, mudou-se para Serra do Limoeiro, no mesmo município, onde viveu sua infância e adolescência. Francisco Martins era o filho mais velho de seus pais, José Vieira Rodrigues e Terezinha Martins Rodrigues. Seus pais, sempre trabalhadores, mas devido às dificuldades com o trabalho na agricultura, sofreram e passaram fome para poder criar os filhos. Por ser o filho mais velho, Francisco começou a trabalhar na agricultura aos sete anos de idade, juntamente com seu pai. Inicialmente, seu pai lhe ensinou a plantar e, diante das dificuldades financeiras que enfrentavam, ele se viu obrigado a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Por ser uma criança, não recebia o mesmo valor da diária que os homens adultos; trabalhava até meio-dia e recebia metade do dinheiro, em entrevista, ele recorda que:

³ Assentamento que fica um pouco mais de 30 (trinta) quilômetros do município de Canindé. Trata-se de um assentamento referências nas lutas pela reforma agrária no Ceará.

“Eu nunca no mundo peguei em negócio de dinheiro; o pai levava para comprar alimentos para casa” (Chico Estevo, Janeiro, 2025).

Sua mãe cuidava dos filhos menores, realizava os trabalhos domésticos, além disso trabalhava na roça com seu marido, quando necessário. Sua mãe lhe ensinou a tirar leite de vaca, um saber que ele leva até hoje em seu trabalho com o gado. Francisco Martins começou trabalhando com plantação, depois aprendeu a limpar mato, “brocar”⁴, cavar covas e regar roçado na serra. Aos 13 (treze) anos de idade, ele trabalhava muito mais do que um adulto e todos queriam contratá-lo por seu bom trabalho. Aos 17 (dezesete) anos, plantou um roçado que rendeu 30 (trinta) litros de milho. Todo o dinheiro que recebia era destinado à sua mãe para comprar alimentos, além de roupas e sapatos quando sobrava.

Uma das maiores dificuldades que enfrentou durante sua vida foi a fome, quando precisou trabalhar sozinho para sustentar a casa (onde moravam ao todo oito pessoas), sendo a maioria seus irmãos pequenos. Naquela época, tudo era muito difícil, havia pouca ou nenhuma política pública acessível. Eles sobreviviam do que plantavam e dos trabalhos na agricultura; a alimentação se limitava a milho, farinha, rapadura e caça de animais. O feijão podia ser plantado, mas a terra da serra não era boa para o plantio de feijão; já o arroz, só quem plantasse poderia comer. A carne comprada era muito cara; quando podiam, seu pai trazia para casa meio quilo de carne (o que conseguia comprar), que era dividido entre as 8 (oito) pessoas da casa, acompanhada de farinha e água para saciar a fome de todos. Nos períodos em que não havia trabalho na roça, como durante a seca, utilizavam-se da caça para se alimentar.

Sua escolarização foi muito escassa e precária. Senhor Chico estudou apenas durante 2 (dois) anos e só conseguia ir à escola duas vezes por semana, porque precisava ajudar seu pai no trabalho com a agricultura, realidade que afetou durante décadas as famílias de base camponesa. Além disso, não tinha material escolar suficiente; seu lápis era muito pequeno por ser usado durante todo o ano letivo e o caderno era feito por sua mãe, que comprava uma folha de papel grande e cortava para fazer um caderno. Ele afirma: “Só sei que estudei pouco demais; acho que fiz até a terceira ou quarta série, mas não sabia de nada. Comecei com a cartinha do ABC, depois fui para a cartilha e só aprendi a assinar meu nome; assino muito ruim, mas assino”.

Aspectos que se desenharam, ao longo dos anos, na história da vida das populações camponesas, pouca escolaridade ofertada, com condições precárias, obliterando o direito à educação. Com base na história da antiga educação rural, o texto das diretrizes aponta que, em muito, tratou-se de um não lugar nas próprias legislações, como nos textos constitucionais de 1824 e 1891, sinalizando descaso, em meio a um contexto de latifúndio e de regime de trabalho escravo. Posteriormente, a educação rural, mesmo através de legislações como a Lei de nº. 5.692/1971 não coloca as populações rurais como centro das políticas educacionais. Apenas com a redemocratização e as lutas dos movimentos sociais do campo, sobretudo o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra, é que surge um novo paradigma educacional nomeado como Educação do Campo, instituindo-se, no ano de 2002, as Diretrizes operacionais para a educação básica do campo através da Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Colocando, assim, como centro da elaboração política educacional do campo os povos que vivem no e do campo, tais como: “Pequenos Agricultores, Sem Terra, Povos da Floresta, Pescadores, Quilombolas, Ribeirinhos, Extrativista, Assalariados Rurais”. (BRASIL, 2002, p. 2).

⁴ O termo “brocar” significa: realizar a primeira etapa do preparo da terra para o plantio, retirando galhos, folhas e troncos, como um método de limpeza da roça.

Ao retomar as memórias do senhor Chico, quando fez 19 (dezenove) anos de idade, Francisco Martins voltou para São Serafim com seus pais e irmãos. Já aos 22 (vinte e dois) anos casou-se com Maria Elizete Santos Rodrigues, era o ano de 1976, um casamento que já dura 49 (quarenta e nove) anos, com 5 (cinco) filhas e 1 (um) filho adotivo. Em 1997, veio morar no Assentamento Todos os Santos, no município de Canindé, onde vive há 28 (vinte e oito) anos.

O Sr. Francisco Martins conta que a agricultura é uma das suas maiores profissões e que toda sua trajetória de vida foi baseada no trabalho agrícola e no manejo com animais. Assim como foi em sua infância e vida adulta, tem sido atualmente, Francisco Martins ainda trabalha na agricultura e se dedica à criação dos seus animais (gado, ovelhas, galinhas e porcos). Toda sua trajetória traz muitos desafios vividos e experiências próprias, advindas da vida campesina. Uma história de vida marcada por dificuldades, aprendizados e lutas que nos leva a refletir acerca da importância de valorizar a cultura e os saberes da nossa própria comunidade, seja ela rural, seja urbana.

Aprendizados que se dão, muitas vezes, como Brandão (1991) menciona, através das trocas sociais, habilidades que são atravessadas pela prática direta dos atos, observação livre e dirigida, correção interpessoal da comunidade ou família, assistência convocada em cerimônias, valores morais, regras, necessidades. “Tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar”. (Brandão, 1991, p. 22).

A história de Francisco Martins Rodrigues, apresenta-nos uma rica tapeçaria de saberes tradicionais que são fundamentais não apenas para a vida, mas para a cultura e a identidade da comunidade rural. A partir de sua trajetória, podemos destacar dimensões que evidenciam a importância desses saberes, como por exemplo, a agricultura tradicional, na qual, Francisco se baseou ao longo de sua vida, é mais do que uma simples atividade econômica, trata-se de um modo de vida que integra o conhecimento adquirido através de gerações, com o uso privilegiado da oralidade e da observação sistemática, aliadas à necessidade de sobrevivência e ao sustento das famílias em comunidade.

Por fim, ao refletir sobre a trajetória de Chico Estevo, percebemos como fundamentais para valorizar os saberes locais e reconhecer a importância da memória coletiva na construção da identidade cultural, sejam elas rurais ou urbanas. São narrativas que nos lembram da força das comunidades rurais em enfrentar adversidades através da riqueza dos conhecimentos tradicionais que foram e são extremamente relevantes para a reforma agrária nesse país.

Neste estudo, destacamos o valor da oralidade em relação a partilha de saberes, onde através da entrevista, o senhor Chico partilha a sua história de vida e os saberes que subsidiaram a sua existência e experiência, ficando a reflexão: em que momento buscaríamos conhecer tais saberes, visto que, a sociedade modernizada tem sutilmente silenciado e desvalorizado o conhecimento deixado pelos nossos ancestrais? Aranha (1996, p. 17), destaca “Aceitar as diferenças entre as culturas é importante para evitar o etnocentrismo, isto é, o julgamento de outros padrões (morais, estéticos, políticos, religiosos etc.) a partir de valores o seu próprio grupo.” Esse tipo de comportamento, por vezes, revela o preconceito sobre uma determinada cultura, observando que tais posturas são prejudiciais, pois cada grupo possui suas próprias formas de conhecimento que são valiosas em contextos diferentes.

Ao analisar e discutir os dados coletados por meio desta pesquisa, foi possível perceber a relevância dos saberes e narrativas presentes na comunidade, que são transmitidos por meio da oralidade e dos eventos pedagógicos que ocorrem de forma espontâneo.

vivenciados por ela. Essa história de vida representa vitrais de saberes rurais na constituição familiar e comunitária.

Conclusões

Concluimos que este estudo buscou compreender a importância dos saberes tradicionais transmitidos de forma oral dentro da comunidade, utilizando a história de vida do Senhor Francisco Martins Rodrigues como ponto central do estudo. A pesquisa destaca que a oralidade desempenha um papel fundamental na preservação da cultura, permitindo que conhecimentos ancestrais continuem a influenciar e enriquecer as gerações futuras.

Portanto, esta pesquisa alcançou seu objetivo, os conhecimentos obtidos foram satisfatórios. Este estudo pode servir como base para um argumento crítico sobre como os saberes e a oralidade podem contribuir para a formulação de políticas educacionais voltadas para a comunidade, utilizando esses conhecimentos como ferramentas emancipadoras e libertadoras.

Em suma, concluimos que, por meio desse estudo, foi possível compreender a importância dos saberes de comunidades por meio da oralidade, que é passada de geração em geração, sendo crucial para a transmissão de saberes populares e a preservação cultural.

Dessa forma, este estudo reforça a importância de incluir os saberes tradicionais no contexto educacional, sobretudo os saberes camponeses, reconhecendo sua contribuição para a formação do indivíduo e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com sua diversidade cultural. Além disso, a pesquisa abre espaço para reflexões futuras sobre como garantir que esses conhecimentos permaneçam vivos para a compreensão dos modos de vida rural, seja por meio da oralidade, de registros escritos ou de novas abordagens pedagógicas.

Palavras-chave: Chico Estevo; História de Vida; Saberes de comunidade; Mundo Rural.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. Moderna, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BRASIL. Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002.
- FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. Editora Humanitas, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Santuário de Canindé. "História." Santuário de Canindé. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/caninde/historia/>. Acessado em 30 de janeiro de 2025.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- MINAYO, Cecília de Souza. (Org.). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.